

O acadêmico DA AVENIDA

Do rigor da galeria para a avenida, Fernando Pamplona foi o carnavalesco que liderou a revolução estética da maior festa popular do Brasil

FRED SOARES

Especial para o Correio da Manhã

Fernando Pamplona nasceu no Rio em setembro de 1926. Os registros divergem entre os dias 26 e 28, e a família sempre contou que ele morreu em 29 de setembro de 2013, um dia depois de completar 87 anos. Seja qual for a data exata, é certo que neste mês esta cidade que tanto o amou comemorará o seu centenário. E cai num ano de simetria quase literária: o Salgueiro anunciou para 2027 o enredo “Laroyê Xica da Silva”, um remake ao tema que a escola levou à avenida em 1963, no auge da revolução que Pamplona liderou.

A biografia começa longe das avenidas do carnaval. Depois da Revolução de 1930, o pai promotor levou a família para Xapuri, no Acre. Foi ali que o menino fez o curso primário e viu de perto as festas populares do Norte, o boi-bumbá, os folguedos que não entravam em nenhum programa de arte da época. A família voltou ao Rio em 1935 e foi morar no Flamengo. Estudou no Colégio Pedro II e entrou na Escola Nacional de Belas Artes, onde participou do teatro universitário e conheceu Zeni, bailarina do Municipal, com quem se casou em 1952 e viveu até o fim.

Essa costura entre a formação clássica e a memória do interior explica quase tudo o que ele fez depois. Tinha o repertório da academia, ganhou prêmio do Salão do Museu Nacional de Belas Artes que lhe rendeu uma temporada na Alemanha, e mesmo assim insistia que a matéria-prima do artista brasileiro estava na rua.

Antes de virar o nome que virou, já era um profissional respeitado do teatro. Trabalhou em cinema nos anos 50, foi assistente de cenografia e fotógrafo de set, participou da primeira Bienal de Teatro, em 1957, no Ibirapuera. No Municipal, assinou montagens de ópera e balé.

Carlos Heitor Cony, que era seu amigo, lembrava dois trabalhos em especial: os cenários de “Madame Butterfly” e a recriação, no Brasil, dos cenários que Picasso desenhou

para “O Chapéu de Três Bicos”, balé de Leonide Massine sobre música de Manuel de Falla. A recriação foi aprovada pelo próprio Picasso e por Massine. Cony também tinha uma implicância carinhosa com a maneira como o país arquivou o amigo. Achava redutor chamá-lo de carnavalesco. Preferia dizer que ele era, acima de tudo, “um artista e um caráter”.

Nelson de Andrade, então presidente do Salgueiro, foi quem chamou Pamplona para o barracão. A escola já tinha o lema que carrega até hoje, o de não ser nem melhor nem pior, apenas diferente. Pamplona montou uma equipe com o casal Dirceu e Marie Louise Nery, Arlindo Rodrigues e Nilton Sá, e estreou com “Quilombo dos Palmares”.

O carnaval da época vivia de enredo de capa e espada, de exaltação de vultos oficiais e de índio genérico. Pôr Zumbi na avenida, em 1960, com samba de Anescarzinho, Noel Rosa de Oliveira e Walter Moreira, era outra conversa. Era dizer que a História do Brasil tinha um lado que a escola pública não ensinava e que esse lado podia virar espetáculo de primeira grandeza. O Salgueiro foi campeão.

Veio “Vida e obra de Aleijadinho” (1961), “Xica da Silva” (1963), este assinado por Arlindo Rodrigues enquanto Pamplona estava na Europa, mas nascido inteiro da matriz que ele criara: a personagem negra como protagonista heroica, a pesquisa histórica levada a sério, a ala do minueto coreografada por Mercedes Baptista, primeira bailarina negra do Municipal. O desfile de 1963 fez mais pela memória de Chica da Silva do que um século de historiografia. Depois, virou peça de teatro, virou filme de Cacá Diegues, virou novela.

Depois vieram “Chico Rei” (1964) e “História do Carnaval Carioca” (1965), escolhido para o IV Centenário da cidade e campeão. Nesse ano, um jovem bailarino do Municipal apareceu no barracão para ajudar: Joãozinho Trinta. Ainda houve “Bahia de Todos os Deuses” (1969) e “Festa para um Rei Negro” (1971), feito a oito mãos com Arlindo, Joãozinho e Maria Augusta. Quatro títulos, três vices, 12 enredos assinados. Pamplona pendurou



Fernando Pamplona diante de um carro alegórico do Salgueiro em desfile nos anos 1970

as chuteiras depois do desfile de 1978, magoado com o que considerou uma sabotagem contra o Salgueiro, e prometeu à mulher que não voltaria. Cumpriu.

Enquanto revolucionava a avenida, Pamplona fazia outra coisa que a cidade esqueceu com uma facilidade injusta: era ele quem vestia o Rio para a folia. Entre os anos 50 e 60, assinou a decoração oficial do carnaval de rua, a do Theatro Municipal e a dos grandes bailes da cidade, incluindo os do Copacabana Palace, do Hotel Glória e do Hotel Nacional.

Quem tem mais de sessenta anos lembra do que era descer o

Centro em fevereiro e encontrar a Rio Branco e a Presidente Vargas transformadas em corredor de fantasia, com estruturas pensadas para serem vistas de longe e de dentro do bloco. Nos anos 70, o trabalho ganhou passaporte: a Embratur o mandou cuidar da decoração brasileira nos congressos internacionais de agentes de viagens em Acapulco, em 1973, Montreal, em 1974, e no próprio Rio, em 1975. Essa fase da obra quase não foi fotografada em cor, sobrou pouca coisa em arquivo, e é por isso que ela some das retrospectivas.

Foi aluno da Escola Nacional de Belas Artes, depois professor e

diretor da casa. E foi na sala de aula, tanto quanto no barracão, que ele mudou o carnaval.

A lista dos que passaram por ele explica por que o chamam de pai de todos os carnavalescos. Arlindo Rodrigues, parceiro e sucessor. Joãozinho Trinta, que saiu do balé do Municipal para inventar o carnaval dos anos 70 e 80. Maria Augusta, que levou a União da Ilha ao posto de escola-sensação. Rosa Magalhães, que foi aluna dele em Belas Artes antes de trabalhar ao seu lado no Salgueiro e depois virar a carnavalesca mais premiada da história. Renato Lage, Lícia Lacerda... No dia em que o mestre morreu,

Widger Frota